

O intertexto bíblico na literatura As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa, de Clive Staples Lewis

Raissa Santana Silva

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul),
Imperatriz, MA, Brasil.

E-mail: raiissa.17@hotmail.com

Wemylla de Jesus Almeida

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul)
Imperatriz, MA, Brasil.

E-mail: wemylla.almeida@uemasul.edu.br

RESUMO

O presente artigo visa pesquisar o intertexto bíblico na literatura *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de Clives Staples Lewis, e tem como objetivo, a partir dos estudos de linguística textual com foco na intertextualidade, identificar as referências bíblicas, os diálogos no texto e a influência da intertextualidade no processo de escrita e interpretação do conto de fadas. Este trabalho justifica-se por algumas razões, entre elas: a importância de entender um texto tão rico, as conexões possibilitadas pela intertextualidade, o grande sucesso entre os leitores e o reconhecimento dessa obra pela indústria cinematográfica, que já produziu três filmes, dentre eles o título em questão *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Além disso, não se podem negar a profundidade do livro e a riqueza da simbologia apresentada na obra. Para tanto, a fundamentação teórica desta pesquisa faz-se a partir dos estudos de intertextualidade, em especial pelos estudos empreendidos por Bakhtin (1992), Marcuschi (2008) e Koch (1991). Portanto, a relevância deste estudo baseia-se no fato de podermos suscitar um debate válido sobre o cruzamento de superfícies textuais, diálogos de escrituras, a exemplo de um intertexto do relato bíblico, ao relacionarmos o tema do divino com a fantasia. Os resultados da pesquisa confirmam que a intertextualidade é inerente à linguagem e, frequentemente, utilizada para apresentar algo já conhecido de uma nova forma.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística textual. Intertextualidade. *As crônicas de Nárnia*.

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu da necessidade de analisar *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, da obra *As crônicas de Nárnia*, de Clive Staples Lewis (C. S. Lewis), e seu intertexto com a Bíblia Sagrada. Este estudo aponta um caminho para fazer a interpretação de textos literários, especificamente um caminho para entender um texto específico: *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-*

-roupa. Vale ressaltar que nenhum texto é construído do zero, e um fator de tamanha importância para a escrita e até mesmo para a leitura é a intertextualidade. Em outras palavras, de modo consciente ou inconsciente, conclui-se que, muitas vezes, de maneira sutil ou não, alguns escritos são as faces de uma mesma moeda.

Nessa perspectiva, nenhum texto se acha isolado e solitário. Partindo disso, esta pesquisa fundamenta-se na linguística textual, sobretudo no fator da intertextualidade, tomando como principais autores: Bakhtin (1992), Marcuschi (2008) e Koch (1991). Nesse sentido, apresenta-se a problemática deste trabalho:

- Como se dá a intertextualidade bíblica na literatura *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de Clive Staples Lewis?

Logo, esta pesquisa tem como *corpus* *As crônicas de Nárnia*, em especial o conto “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, da obra de Clives Staples Lewis, com um olhar para o seu intertexto bíblico como alternativa de leitura e como essa representação espiritual aparece em narrativas literárias.

Este trabalho tem como objetivo geral identificar, a partir dos estudos da linguística textual com foco na intertextualidade, as referências bíblicas na obra *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Esse fim será alcançado por meio dos objetivos específicos, a saber: comparar os textos literários aos textos bíblicos em busca de relação de aproximação ou afastamento, investigar as referências e alusões aos temas sagrados presentes na obra de Clives Staples Lewis e perceber como a intertextualidade influencia no processo de escrita e interpretação do conto.

Diante do exposto, justifica-se esta pesquisa por algumas razões, as principais são: a importância de entender um texto tão rico e as conexões possibilitadas pela intertextualidade. Além disso, não se podem negar a profundidade do livro e a riqueza da simbologia apresentadas na obra.

CLIVES STAPLES LEWIS: UM HOMEM DE OUTRO MUNDO

Clives Staples Lewis nasceu em 1898, em Belfast, na Irlanda. Sua mãe morreu quando ele ainda tinha 9 anos de idade, e seu pai não casou novamente. Entre 1908 e meados de 1914, Lewis estudou em quatro internatos diferentes. Em determinado momento de sua vida, estava no auge do seu racionalismo, quando finalmente se encontrou com a fantasia de George MacDonald, *Phantastes: a terra das fadas*. Desde então, ele passou a ser definido de tal forma: “Clive Staples Lewis não era um homem: ele era um mundo” (MATHIS; PIPER, 2017, p. 42).

Aos 18 anos, ele ingressou na Universidade de Oxford, mas, antes de poder começar os estudos, entrou para o Exército, porém, após ser ferido, teve que retornar à Inglaterra para se recuperar. Retomou os estudos em Oxford, em janeiro de 1919, e, nos anos que se seguiram, foram muitas menções honrosas. Logo, tornou-se professor em outubro de 1925, aos 26 anos.

Alguns anos depois, após ler várias obras de autores que admirava, como Santo Agostinho, Dante Alighieri, Santo Tomás de Aquino e G. K. Chesterton, e depois de inúmeras conversas com seu amigo J. R. R. Tolkien, Lewis, finalmente, tornou-se um cristão. Lewis já era escritor, e, após a conversão, suas obras passaram a ter essa temática presente. Pouco tempo depois, tornou-se o homem da “fé” da nação inglesa durante a Segunda Guerra Mundial, e seus discursos foram aclamados até serem considerados clássicos.

Todos os títulos que Lewis escrevia eram de gêneros diferentes, o que revelava a versatilidade impressionante dele como escritor, pensador e visionário imaginativo. Em 1950, finalmente começaram *As crônicas de Nárnia*. O autor utilizou-se de suas experiências pessoais e de seu conhecimento em teologia e letras para a criação de suas crônicas narnianas. Em 1955, após longos anos em Oxford, mudou-se para a Universidade de Cambridge. No ano seguinte, com a idade de 57 anos, casou-se com Joy Davidman, mas o casamento durou menos de quatro anos, pois ela faleceu de câncer. E, três anos e meio depois, em 1963, Lewis também faleceu.

A essência da vida de Lewis parece consistir em sua diferente experiência de mundo, no sentido de pensar que haveria sempre mais do que o mundo natural. Lewis (2005, p. 141-142) chegou a afirmar, em seu livro *Cristianismo puro e simples*, algo que se tornou muito especial: “Se descubro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo”. Pode-se dizer que Lewis descobriu uma chave da linguagem, o poder da metáfora, na perspectiva desta pesquisa, a intertextualidade. Ele sustentava que a imaginação tem o poder de transmitir a verdade.

Ao longo das últimas décadas, 50 anos depois de sua morte, Lewis ainda é um dos escritores mais influentes, com seu amigo Tolkien. No entanto, como observou certa vez seu amigo Owen Barfield (1898-1997), Lewis não era um influenciador apenas, era um escritor e apologista cristão, engajado na missão de comunicar e compartilhar sua rica visão do poder intelectual imaginativo da fé cristã, uma fé que ele considerou racional e espiritualmente irresistível.



Figura 1 – C. S. Lewis (1898-1963)

Fonte: Disponível em: <https://www.cslewis.com/us/about-cs-lewis/>.

A INTERTEXTUALIDADE

Sabe-se que os textos são manifestações linguísticas, culturais e ideológicas que revelam perspectivas diferentes de se enxergar e encarar o mundo. Dessa forma, não se pode ignorar que a intertextualidade é uma parte bastante importante na construção dos textos em si, partindo do pressuposto de que a dialogia é natural no nascimento de todo texto.

Não se pode negar que há histórias por trás das histórias, o que faz recordar a definição de intertextualidade, pois um texto nunca é criado do vazio, como afirma Kristeva (1974, p. 60 *apud* SAMOYAUULT, 2008, p. 17): “o termo intertextualidade designa esta transposição de um (ou de vários) sistemas de signos em um outro [...]”. Esse conceito de intertextualidade, criado por Kristeva, foi renovado por outros autores ao longo do tempo, como Koch, e compreendido que o texto não é apenas a soma da união de outros textos, de outras influências, mas sim a transformação e a assimilação de vários textos em um único e novo texto, sendo o texto unificador que possui o comando do seu real sentido. Por meio do novo conceito, em vez de compreender que a intertextualidade é somente a dependência de um texto do outro, como se a existência de um dependesse do outro, pode-se entender que é um processo natural de escrita.

Esse conceito parece ganhar forma em *As crônicas de Nárnia*, histórias que estão cheias de teias que as ligam com outras citações e textos, principalmente os textos bíblicos.

O termo “intertextualidade”, apresentado por Kristeva, designa o processo de produtividade do texto literário. Nesse sentido, a autora assevera que “todo texto

se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1969, p. 145 *apud* CARVALHAL, 2006, p.50). Dessa forma, pode-se compreender que o processo de criação de um texto literário é, inevitavelmente, resultado de uma leitura anterior, ou seja, um texto é uma absorção de uma ou mais obras, até mesmo porque um escritor é um leitor; conseqüentemente, ele não produz como alguém que é uma folha em branco, sua produção tem uma carga intencional.

Desse modo, a intertextualidade surge como inerente à linguagem, torna-se aparente em todas as produções literárias, textos que derivam de outros textos ou remetem a eles. Entende-se que o significado dos textos, mesmo as obras literárias, é construído por meio do diálogo entre textos, muitas vezes de gêneros e épocas diferentes, mas que não deixam de conversar entre si. Nessa perspectiva, a volta de um texto em outro pode se dar de algumas formas, como explicita Bakhtin (1997, p. 318):

[...] em todo enunciado, contanto que examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas, ou semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor.

Na teoria do dialogismo de Bakhtin (1997), um enunciado está sempre envolvido em uma rede de outros enunciados que o constroem, e, ainda que de forma inconsciente, as palavras de outros inserem-se nas palavras que determinado autor utiliza. Desse modo, “todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro, o outro podendo corresponder ao conjunto da literatura existente: os textos literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com com sua própria historicidade [...]” (SAMOYAULT, 2008, p. 21-22).

Da mesma forma que uma pessoa se constitui na sua relação com outros, um texto também não existe solitário, é carregado de pensamentos e ideias advindos de outros, parece sempre ser possível identificar um intertexto, uma influência. A intertextualidade revela o fenômeno da conexão existente na literatura como sendo um dos mecanismos principais da comunicação literária, como observa Koch (1991, p. 532 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 131) ao afirmar que a intertextualidade seria “a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos”. Portanto, a intertextualidade colabora com a construção e coerência do texto, e a interpretação devida está, em grande parte, ligada à relação dos discursos entre si.

INTERTEXTO COMO MEMÓRIA DA LITERATURA

A literatura é escrita de lembranças, em que faz aparecer o intertexto. Constatamos que a intertextualidade mostra o funcionamento da memória que um indivíduo tem dos fatos e das obras que o precederam. Nesse cenário, a intertextualidade deixa de ser apenas o ato de tomar emprestado, citar ou absorver antes, mas também passa a ser uma caracterização da literatura, se tudo está dito, está lá, resta descobrir quem foi capaz de se abrir para isso. Diante disso, embora seja simples e visível para quem conhece o pano de fundo, é comum ainda encontrar pessoas que não ligam *As crônicas de Nárnia* ao discurso bíblico, pois a intertextualidade aparece frequentemente misturada, de acordo com Bakhtin (1985, p. 189-190 *apud* SAMOYAULT, 2008, p. 93):

[...] se não for grosseira [...], é geralmente muito difícil de ser desvelada, se não conhecemos seu pano de fundo verbal estrangeiro, seu segundo contexto. Provavelmente existem na literatura mundial muitas obras das quais sequer suspeitamos o caráter paródico. E provavelmente existem pouquíssimas obras da literatura mundial nas quais nos exprimimos sem segunda intenção e apenas numa voz.

Em suma, a narrativa bíblica não é um pano de fundo dos mais populares, e, por isso, não é fácil desvelar o diálogo presente na obra de C. S. Lewis. Algumas pessoas sequer cogitam que esse diálogo exista, porque ele não é grosseiro, mas inevitavelmente está lá. Uma vez que a intertextualidade é inerente à literatura, existem poucas literaturas sem o resgate de outra obra, como disse Bakhtin, uma literatura sem segundas intenções e de apenas uma voz. Portanto, a intertextualidade está fortemente presente na obra escrita por Lewis, pois resgata a memória da narrativa bíblica.

UM BREVE RESUMO DA OBRA O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

As crônicas de Nárnia fazem parte de uma coletânea de ficção composta por sete livros, em que os temas bíblicos ficam subtendidos. A investigação sobre intertextualidade ocorrerá no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, o primeiro da saga escrito e publicado por Lewis, embora, na ordem de acontecimentos, seja o segundo. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* foi publicado no ano de 1950, cinco anos antes de *O sobrinho do mago*, trazendo este muitas alusões à Bíblia. O livro em questão foi republicado no ano de 2005 em um volume único com os sete livros, sendo o segundo da ordem.

A história narra a vida de quatro irmãos, duas meninas e dois meninos: Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia. Eles viviam em Londres, mas, durante a guerra que aconteceu na localidade, foram mandados para morar na casa de um velho professor.

Um dia, enquanto estavam brincando pela casa, Lúcia, a mais nova, encontrou uma sala vazia, com um guarda-roupa apenas, e, para se esconder na brincadeira, entrou nele. Sem perceber, foi parar em uma outra terra, era Nárnia. Lá, conheceu um fauno (criatura típica de Nárnia) que lhe ensinou tudo sobre aquele lugar, sem deixar de contar sobre a Feiticeira Branca que havia condenado Nárnia a um inverno eterno, e Aslam, um leão diferente de todos os outros que havia criado Nárnia. Quando Lúcia teve oportunidade de voltar para casa, contou aos seus irmãos, que não acreditaram na história.

Quando, finalmente, todos foram para Nárnia, Lúcia, Susana e Pedro fizeram muitos amigos, já Edmundo não, pois assim que chegou a Nárnia foi aprisionado pela Feiticeira. Todos os amigos que as duas meninas e o menino fizeram, e, principalmente, Aslam, ajudaram-nos a salvar Edmundo e também a livrar Nárnia do domínio da Feiticeira. Assim, Lúcia, Edmundo, Susana e Pedro tornaram-se reis e rainhas de Nárnia.

A INTERTEXTUALIDADE EM O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA

Nesse mundo chamado Nárnia, as crianças encontram-se com seres mitológicos e animais, e todos esses seres podem falar. Eles também fazem uma outra descoberta: Nárnia vivia um inverno perpétuo, todos eram escravizados pela Feiticeira Branca, a qual era capaz de transformar seres em estátuas de pedra. Somente a vinda de Aslam, o Leão Rei e criador de Nárnia, poderia alterar essa realidade.

No capítulo 1 de Mateus, versículos 20 e 21, consta o seguinte:

Enquanto ele refletia sobre isso, eis que lhe apareceu em sonho um anjo do Senhor, dizendo:

– José, filho de Davi, não tenha medo de receber Maria como esposa, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e você porá nele o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

É nesse contexto que Lewis escreve não somente uma belíssima ficção, como também uma cativante história de traição e salvação, de pecado e redenção. Não se trata de um simples conto de fada, mas de uma narrativa que aponta para

uma realidade transcendente. É justamente por esse motivo que *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* possui um intertexto teológico que não deve ser deixado de lado. Então, como, exatamente, essa história se relaciona com a Bíblia?

A história aborda a redenção tanto coletiva como individual. Nárnia encontrava-se refém da magia da Feiticeira, que mantinha todo mundo em uma vida de inverno perpétuo, enquanto esperava a redenção que só poderia vir por meio do criador, assim também o mundo geme e suporta angústias à espera da redenção por meio do Criador.

Já a redenção individual constrói-se na figura de Edmundo, que personifica o ser humano egoísta, perdido e pecador. Ele opta por trair seus irmãos e Aslam em troca do manjar turco: “Lembrou-se do manjar turco e da promessa de vir a ser rei. (‘O que ia dizer Pedro, se soubesse!’) Começaram então a brotar-lhe no cérebro umas ideias terríveis” (LEWIS, 2011, p. 134).

Dessa mesma forma sucedeu a traição de Judas, que também era um ser egoísta e pecador, que optou por trair seu mestre e seus amigos em troca de algumas moedas de prata, como revela o seguinte trecho de Mateus (26:14-16):

Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi falar com os principais sacerdotes.

Ele disse:

– Quanto me darão para que eu o entregue a vocês? E pagaram-lhe trinta moedas de prata.

E, desse momento em diante, Judas buscava uma boa ocasião para entregar Jesus.

Nesse sentido, a traição acaba levando Aslam à morte, do mesmo modo que o beijo de Judas levou Cristo à prisão e, por fim, à cruz. Edmundo foi conquistado com um “manjar turco”, assim como Judas trocou e vendeu Jesus por 30 moedas de prata.

Seguindo a compreensão do *corpus*, Lewis aborda a traição e segue na abordagem do resultado do pecado, a morte que se cumprirá, a não ser que haja outro capaz de dar a própria vida no lugar do pecador. Surge a necessidade de redenção, contudo as crianças ainda não conheciam Nárnia nem Aslam, mas o Castor logo trata de explicar que ele, como grande Rei, é o único capaz de dar um jeito na Rainha Branca. O famoso poema entoado em Nárnia, segundo Lewis (2011, p. 137), dizia: “O mal será bem quando Aslam chegar, ao seu rugido, a dor fugirá, nos seus dentes, o inverno morrerá”.

Enquanto Nárnia precisava da redenção coletiva, a redenção individual cumpre-se na figura de Edmundo, que escolheu diversas vezes o egoísmo e os próprios interesses até chegar de vez à traição, a qual acaba levando Aslam à morte, do mesmo modo que o beijo de Judas levou Cristo à cruz. É nesse ponto

da história que temos as referências mais claras da fé de Lewis na obra. O resultado do pecado é a morte que se cumprirá no pecador, a não ser que haja outro capaz de dar a própria vida no lugar do traidor.

Quando tudo parecia perdido, Aslam decide, secretamente, se entregar, pois Ele conhecia uma magia ainda mais profunda do que a citada pela Feiticeira, que consistia no fato de que, se uma vítima inocente se entregasse no lugar do traidor, a morte perderia o poder contra essa vítima voluntária (LEWIS, 2011).

O preço que a Feiticeira e a Mesa de Pedra exigiam foi pago na entrega que Aslam fez da própria vida em favor da vida de Edmundo. Voluntariamente, Aslam caminha por sua via dolorosa em direção ao exército da Feiticeira, que o aguarda na Mesa de Pedra: “foram Susana e Lúcia que lhe fizeram companhia. Aslam, entretanto, quase nada falou, dando-lhes a impressão de estar muito triste” (LEWIS, 2011, p. 167). Essa passagem aponta para a profecia de Isaías, cumprida em Cristo: “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (Isaías 53:7).

Outro momento semelhante às horas que antecederam à cruz é o diálogo de Aslam com as meninas:

- Aslam! Aslam querido! – disse Lúcia. – O que há? Por que não nos diz o que tem?
- Está doente, Aslam querido? – perguntou Susana.
- Não. Estou triste. Estou só. Ponham as mãos na minha juba, para que eu sinta que vocês estão aqui, e caminhemos assim (LEWIS, 2011, p. 169).

No capítulo 26, versículos 37 e 38, de Mateus, consta o seguinte:

- E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a sentir-se tomado de tristeza e de angústia.
- Então lhes disse:
- A minha alma está profundamente triste até a morte; fiquem aqui e vigiem comigo.

Nessa cena, percebe-se que Aslam sofre da mesma angústia que Jesus sofria quando se aproximava da morte; igualmente, Pedro e os outros discípulos, Lúcia e Susana estão com ele até esse momento. Contudo, da mesma forma que Jesus, Aslam está totalmente só na hora de sua morte. As crianças que o acompanharam até próximo ao local não recebem permissão para continuar ao seu lado no sacrifício.

Dando continuidade à obra, Aslam é recepcionado brutaemente pelo exército da Feiticeira e, em seguida por ela, a qual diz:

– Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra (LEWIS, 2011, p. 171).

A humilhação de Aslam quando tem sua juba cortada, as zombarias e o ambiente infernal que teve que enfrentar enquanto a Feiticeira e seu exército o insultavam encontram paralelo no sofrimento de Cristo nas mãos dos que o crucificaram, como em Mateus, capítulo 27, versículos 27 até 31:

Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o Pretório, reuniram em torno dele toda a tropa.
Tiraram a roupa de Jesus e o vestiram com um manto escarlate.
E, tecendo uma coroa de espinhos, a puseram na cabeça dele, e colocaram um caniço na sua mão direita. E, ajoelhando-se diante dele, zombavam, dizendo: – Salve, rei dos judeus!
E, cuspiendo nele, pegaram o caniço e batiam na sua cabeça.
Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias roupas. Então o levaram para ser crucificado.

Os seguintes fatos da narrativa acontecem de modo que lembram a sequência dos Evangelhos, as primeiras pessoas a verem Aslam ressurreto são mulheres, Susana e Lúcia, como se pode perceber no seguinte excerto:

– Aslam! Aslam! – exclamaram as meninas, espantadas, olhando para ele, ao mesmo tempo assustadas e felizes.
– Você não está morto?
– Agora, não.
– Mas você não é... um... um...? – Susana, trêmula, não teve a coragem de usar a palavra “fantasma”.
Aslam abaixou a cabeça dourada e lambeu-lhe a testa. O calor de seu bafo era de criatura viva.
– Pareço um fantasma? (LEWIS, 2011, p. 174).

As testemunhas da ressurreição de Jesus também foram mulheres, como relata o livro *A história*:

Quando terminou o sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram especiarias aromáticas para ungir o corpo de Jesus.

No primeiro dia da semana, elas se dirigiram ao sepulcro. [...] E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu dos céus e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. [...] O anjo disse às mulheres: Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia (THE CORPORATION ZONDERVAN, 2012, p. 356).

Observa-se, nos dois excertos, a semelhança das visitas, pois tanto Aslam como Jesus receberam visitas de mulheres, que ficaram surpreendidas com o aspecto da ressurreição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra escrita por C. S. Lewis dialoga com os textos da Bíblia Sagrada, pois o autor se utiliza dos trechos de obras que passaram por sua trajetória e faz do seu texto uma rede de outros. Seria muito vazio dizer que, em sua obra, C. S. Lewis reescreveu a Bíblia. No entanto, confirma-se que a intertextualidade é inerente à linguagem, e, partindo disso, ele utilizou sua genialidade para apresentar algo já conhecido de uma nova forma.

Nesse sentido, este trabalho surgiu com o objetivo geral de identificar, a partir dos estudos da linguística textual com foco na intertextualidade, as referências bíblicas na obra *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, por meio de comparações de textos literários aos textos bíblicos em busca de relação de aproximação ou afastamento; investigação das referências e alusões aos temas sagrados; percepção da intertextualidade como influência no processo de escrita e interpretação do conto.

Diante disso, os objetivos da pesquisa foram alcançados, uma vez que se notou que a obra escrita por C. S. Lewis dialoga com os textos da Bíblia Sagrada, porque o significado dos textos, mesmo nas obras literárias, é construído por meio do diálogo entre textos, muitas vezes de gêneros e épocas diferentes, como se observou na análise, mas que não deixam de conversar entre si.

Destarte, a obra *As crônicas de nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* confirma-se como um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de escrituras, a exemplo de um intertexto do relato bíblico ao relacionar o tema do divino com a fantasia, mas também alterando o sentido para uma reflexão conduzida por uma narrativa ficcional, apresentando um enunciado conhecido de uma forma diferente.

The biblical intertext in literature The Chronicles of Narnia: The Lion, the Witch and the Wardrobe, by Clive Staples Lewis

ABSTRACT

This article aims to research the biblical intertext in the literature *The chronicles of Narnia: the lion, the witch and the wardrobe*, by Clives Staples Lewis; aims from the studies of textual linguistics with a focus on intertextuality to identify biblical references, dialogues in the text and the influence of intertextuality in the process of writing and interpreting the fairy tale. This work is justified for some reasons, among them: the importance of understanding such a rich text, the connections that made possible by intertextuality, the great success among readers and the recognition of this work by the film industry, which has already produced three films, among them: the title in question, *The chronicles of Narnia: the lion, the witch and the wardrobe*. In addition, one cannot deny the depth of the book, and the richness of the symbology presented in the work. Therefore, the theoretical foundation of this research is based on the studies of intertextuality, in particular, on the studies undertaken by Bakhtin (1992), Marcuschi (2008) and Koch (1991). Therefore, the relevance of this study is based on the fact that we can raise a valid discussion on the intersection of textual surfaces, scriptural dialogues, like an intertext of the biblical account when relating the theme of the divine with fantasy. The research results confirm that intertextuality is inherent in language and is often used to present something already known in a new mold.

KEYWORDS

Textual linguistics. Intertext. The chronicles of Narnia.

REFERÊNCIAS

- ABOUT C. S. Lewis. C. S. Lewis. The official website of C. S. Lewis. Disponível em: <https://www.cslewis.com/us/about-cs-lewis/>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- BAKHTIN, M. *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Fontes, 1992.
- BÍBLIA. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2006.
- KOCH, I. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? *Revista DELTA*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 529-543, 1991.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATHIS, D; PIPER, J. *O racionalista romântico*. Brasília: Monergismo, 2017. *E-book*.

SAMOYAUULT, T. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.

THE CORPORATION ZONDERVAN. *A história*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

Recebido em: agosto de 2022 **Aprovado em:** setembro 2022